

humanitas

Vol. LXV
2013

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Reinhold Münster hace un recorrido por las adaptaciones de la *Lisístrata* en la literatura alemana («Lysistrata - Eros y logos. Historia de la recepción de una figura escénica en la literatura alemana», pp. 543-55).

Romero Mariscal nos muestra la importancia de la *Antígona* de Sófocles en la obra de Virginia Woolf. Las referencias a la heroína aparecen por doquier como símbolo de la mujer que se opone a la opresión masculina («Figuras del logos femenino en Virginia Woolf: las razones de Antígona», pp. 555-84).

Cierran el volumen Virginia B. Suárez & Graciela Durán con «La percepción de la realidad entre mujeres y hombres en el teatro: *Aristodemo*, obra de Joaquín Lorenzo Luaces», pp. 585-605. El escritor cubano toma la conocida anécdota narrada por Pausanias para crear una obra de teatro en que la protagonista femenina habla con voz propia.

Cabe destacar el rigor científico y la variedad de enfoques que presenta el volumen, sin detrimento de una unidad temática coherente. Nos encontramos así ante un tratamiento multidisciplinar que aborda el problema del *lógos* femenino desde distintos campos con rigor, originalidad y eficacia. De extrema utilidad son también los abstracts en inglés que, junto con las palabras clave, colaboran en la difusión internacional de la obra y facilitan la investigación eficaz en cualquier parte del mundo.

LORENA JIMÉNEZ JUSTICIA

Jesus, Carlos A. Martins, Filho, Cláudio Castro, Ferreira, José Ribeiro (coords.), *Hipólito e Fedra: nos caminhos de um mito*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH), 2012, 228pp.

Em tempos de pós-modernidade, quando o amor passa a ser mera efemeridade, sentimento ligeiro e rápido ou fraqueza emocional temporária, as paixões arrebatadoras que surgem como patologias duradouras provocam interesse e desejo. Talvez por isso seja tão conveniente – pois preenche um anelo de nossa época – a chegada de uma coletânea bastante completa das figurações do mito greco-latino que envolve o desastroso caso de Hipólito e Fedra.

Se os dossiês no mundo acadêmico são sempre oportunos, visto que nos atualizam e nos levam a domínios que dificilmente percorreríamos não nos fossem apontados atalhos benfazejos, aqueles que reúnem estudos sobre

mitologia são verdadeiramente fascinantes; o que se dirá, então, daqueles que envolvem a sintomatologia e os resultados das paixões proibidas?!

Pois bem, o volume lançado pelo CECH observa tais temas da paixão interdita, da transgressão e do incesto sob ângulos, ambientes e tempos plurais e, mais, analisa, mediante uma prosa agradável, obras que os retomaram, de Eurípides a Sêneca; da Bíblia à literatura árabe; de Jean Racine, Fernando de Rojas, Miguel de Unamuno e Mario Vargas Llosa a Sarah Kane; da prosa ao texto teatral e sua performance, sem esquecer a ópera e o cinema.

Dos dezoito artigos da obra, todos cumprem o propósito de discutir seus objetos com propriedade, originalidade, erudição e sob o ponto de vista de diversas áreas: a literária propriamente dita, a linguística, mais especificamente a lexicografia, os estudos de gênero, a filosofia, os estudos da tradução, a dramaturgia, o cinema e a música, incluindo, na apresentação de Cláudio Castro Filho, uma utilíssima e atualizada listagem, século a século, das múltiplas ocorrências e revisitações deste mito na produção artística mundial.

O primeiro artigo, intitulado *Hipólito em Eurípides: construção de um protagonista*, de autoria de Maria do Céu Fialho, embora voltado para o estritamente clássico, apresenta uma abordagem inovadora e oferece excelentes reflexões sobre “o corpo que fala” em contraponto com a “palavra que cala”.

Mantendo-se nos limites do helenismo, Frederico Lourenço, em *Fedra e a sintomatologia da paixão*, oferece reflexões que apontam para algo de positivo e animador dentro da perspectiva cética e pessimista da pós-modernidade; neste mesmo contexto, chegaremos a Gustavo Bernardo, que, com *Do amor como desconhecimento*, discorre acerca da possibilidade de a experiência amorosa resultar na perda do saber, o que, por certo, explica que ela, por conseguinte, seja vista pelos gregos como um infortúnio.

Decorre daí, ademais, que, obrigatoriamente, o amor demande uma ascese, segundo *A Fedra de Sêneca: que pode a razão perante o triunfo das paixões?*, de Mariana Montalvão Horta e Costa Matias.

Um material proveitoso, particularmente interessante para os que nos preocupamos com os estudos da tradução e da dramaturgia, nós acharemos no relato de pesquisa de C. Arias Abellán, no qual o investigador da Universidade de Sevilha se debruça sobre a análise do vocabulário designativo da personagem Fedra para entender a tessitura dramática no nível da palavra.

Alargando-se na temporalidade remota, os ensaios de José Augusto Ramos e Celia del Moral nos permitirão entender de forma lúcida e motivadora

a presença deste mito escandaloso na literatura hebraica e árabe. O homem bíblico “sexualmente interessado e sadio” não escapa às trapaças do desejo; assim foi com o filho de Hamor que se perdeu por Dina, com Abraão, Sara e Hagar, com Lot e suas filhas, com Er, Onam e Tamar e tantos outros os quais não vamos arrolar aqui visto ser melhor conhecê-los em *Roteiros bíblicos de Fedra* esticando a leitura até *O mito de Fedra na literatura árabe clássica de origem oriental* e apreciar as especiarias amorosas do Sendebâr e aprender sobre a honradez, a virtude e a maldade feminina.

Tendo sido atualizados, no volume, os estudos do mito nos tempos antigos, estaremos prontos para enfrentar o seu mais forte concorrente nos ‘novos’ tempos: eis que da Gália nos vem Racine, com toda a sua glória, pelas palavras exatas de Marta Teixeira Anacleto, e, a partir de então, todos se curvarão ao mestre criador de *Phèdre*.

Todavia, e felizmente, o bravíssimo dossiê *Hipólito e Fedra* ultrapassa o paço real e avança para os espaços domésticos e escondidos das amas, alcoviteiras, conselheiras e feiticeiras presentes em todos os tempos. Assim são satisfeitas nossas curiosidades mais picantes, afinal estas personagens tradicionais e anônimas guardam segredos e confidências deliciosas, que nos deixam saber muito da vida e de seus protagonistas. Cientes das ações escusas, estamos aptos para abordar a *Honra e paixão, em Fedra de Miguel Unamuno*; estamos aptos até mesmo para mesclar o real ao ficcional com Sarah Kane.

De viagem para o novo mundo, já em boa hora, surge a literatura peruana, iluminada por Aurora López e Andrés Pociña, entreato latino-americano brilhante. De volta para França e Itália, ouviremos as vozes e canções das muitas Fedras auscultadas pelo brasileiro Paulo M. Kühl. Da ópera vamos ao cinema, com a grata surpresa, entre várias outras, de uma Fedra no velho oeste estadunidense protagonizada pela bela Norma Bengell.

O livro encerra-se com estudos sobre a encenação do *Hipólito* de Eurípides, em tradução de Frederico Lourenço, pelo grupo português Thíasos, contendo depoimentos e análises do processo de criação e encenação da peça. Ótimo, bravo, bravíssimo.

A iniciativa sem dúvida é um bom exemplo para nos dedicarmos à investigação do mito de *Fedra e Hipólito* na literatura brasileira e contemplarmos a presença dos gregos nas terras brasílicas, onde nasceu a *Crônica da casa assassinada*, do mineiro Lúcio Cardoso, que, em tom intimista, mostra como Nina seduz seu suposto filho, André. Bom seria mirar também o teatro do carioca Nelson Rodrigues, no qual um sogro se apaixona pelo seu genro, em *Beijo no asfalto*, e de passagem rever o Álbum de família,

com suas transgressões elevadas à enésima potência. Se não se quiser ver, que se escutem os *Sinos da Agonia* de Autran Dourado e os segredos de Diogo, Gaspar e Malvina... Fica aberto o convite, colegas!

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BH, BRASIL

Leão, Delfim F., *A Globalização no Mundo Antigo. Do Polites ao Kosmopolites* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012) 158 p. ISBN 978989-26-0267-7.

Foi da fusão e da reescrita de um conjunto de oito artigos que resultou este trabalho de Delfim F. Leão, Catedrático de Clássicas da Universidade de Coimbra, que se tem dedicado ao estudo da Política, do Pensamento Político e da Sociedade dos períodos arcaico, clássico e helenístico gregos. Apesar da existência prévia e dispersa dos estudos aqui incluídos, porém, o produto final é um trabalho da maior seriedade científica, em todos os sentidos que possamos dar ao substantivo.

A publicação insere-se no projecto plurianual do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedicado ao binómio *polis/kosmopolis*, abordando «a forma como a vivência da cidadania acompanhou a passagem do particularismo da pólis ou cidadeestado grega para o ambiente globalizado dos reinos helenísticos» (p. 9).

O primeiro dos oito estudos funciona como enquadramento geral do tema, tratando a base política, económica e social que possibilitou a passagem de um regime de *oikos* para o regime de *polis*. Deste modo, trata-se também a problemática do individual e do colectivo em contextos que se revelaram marcos fundamentais para a História da Europa e do Ocidente. O segundo estudo é como que um *case-study* feito a partir de uma constituição antiga, centrando-se na figura de Licurgo, a quem a tradição atribuía a criação da constituição espartana. O ensaio que vem em terceiro lugar trata o conceito de *patrios politeia*, partindo do tema da autoctonia, conceito relacionado com a ideia de «pertença a um lugar» e, por conseguinte, relacionado com o de «constituição ancestral». O estudo do fenómeno político na Grécia Antiga não pode deixar de lado o teatro, enquanto expressão própria da *polis* ateniense em particular, e que, na perspectiva do Autor – e quanto a nós de forma pertinente –, se reflecte na «forma como as esferas do